

INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS EM IDOSOS: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Giuliana de Lima Costa ¹
Fabíola de Araújo Leite Medeiros ²

RESUMO

O envelhecimento populacional é uma realidade nacional e internacional, advinda de melhorias na expectativa de vida da população em geral e que requer ações específicas para esse grupo etário. É constatado aumento significativo de idosos na população mundial com base num incremento do que antes era de 2% do total da população geral para 10% nas recentes seis décadas no Brasil, tendo previsões de estar em 22% do total de indivíduos que comporão a população em 2051. Percebe-se ainda muito estigma por parte de muitos profissionais de saúde em relação a presença de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) em idosos, gerando a ideia errônea de que estes não praticam atividade sexual e, portanto, não têm ISTs. Porém, é observado um aumento no número de casos de ISTs em idosos, indo em direção contrária ao que se é imaginado. Sendo assim, este artigo tem por objetivo refletir sobre a produção científica brasileira sobre artigos que versam sobre a presença de ISTs entre idosos e atuação dos profissionais de saúde em tempos de envelhecimento populacional.

Palavras-chave: Idoso. Infecções Sexualmente Transmissíveis. Saúde.

INTRODUÇÃO

O idoso é considerado como o indivíduo com idade igual ou 60 anos nos países em desenvolvimento, como no caso do Brasil, e 65 anos nos países desenvolvidos. Nos últimos 60 anos, observou-se um aumento significativo no número da população idosa chegando em 10% da população mundial. Estima-se que em 2051, 22% da população mundial será composta por indivíduos acima de 60 anos. Tudo isso ocorreu devido as melhoras médico- sanitárias e a prática de planejamento familiar que culminou com a diminuição da fertilidade e aumento da expectativa de vida (LEAL, *et al*, 2020).

¹ Graduada do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual da Paraíba- UEPB e Especialista em Saúde Pública pelo Centro Universitário Internacional-UNINTER, giuliana1919@gmail.com;

² Professora PhD em Enfermagem do Departamento de Enfermagem da Universidade Estadual da Paraíba – Campus I – Campina Grande, profabiola@bol.com.br

Além desses avanços, houve também a mudança no padrão sexual da população idosa. Eles passaram a usar medicamentos para tratamento de disfunção erétil e impotência, como também repositores hormonais, gerando a possibilidade de vida sexual ativa mesmo quando na velhice (NETO, *et al*, 2015).

Porém, é evidenciado que práticas sexuais inseguras nesta população associada a não discussão sobre infecções sexualmente transmissíveis- ISTs- pelos profissionais de saúde, culmina com a geração da população idosa como um grupo vulnerável a tais patologias. É evidenciado que profissionais de saúde não abordam sobre ISTs com os idosos por terem uma visão estereotipada com a ideia de que os idosos não realizam práticas sexuais e, portanto, não têm ISTs (ANDRADE, *et al*, 2017).

Portanto, este artigo se trata de uma revisão de literatura sobre os casos de ISTs em idosos evidenciado pelo aumento nos números em vários países pelo mundo e como o profissional de saúde deve preparar-se para lidar com esta nova realidade através da discussão e prevenção, como também no tratamento desta população.

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão de literatura que busca selecionar e analisar estudos sobre um tema definido. Ao final, o pesquisador responsável terá subsídios necessários para tomada de decisões ao se deparar com situações semelhantes as estudadas (PRODANOV; FREITAS, 2013).

Para o desenvolvimento desta proposta metodológica, inicialmente foi realizada a seguinte pergunta norteadora: “ *O que é dito na literatura nacional sobre ISTs em idosos e atuação do profissional de saúde?*”. A seguir foram seguidos dos passos de planejamento e execução que culminaram com a finalização do processo.

O planejamento e execução deu-se na busca dos materiais propriamente ditos. A busca na literatura foi realizada na base de dados *Scientific Electronic Library Online (SCIELO)*. Como critérios de inclusão teve-se texto completo, podendo ser artigos, dissertações ou teses, disponível e gratuito de forma a permitir o seu download, estudos que abordavam a temática procurada, recorte temporal de 5 anos, disponibilidade nos idiomas português, inglês ou espanhol.

Como critérios de exclusão, foram desconsiderados os textos que não atendiam a temática escolhida ou que não serviam de apoio para a pesquisa. Para a pesquisa, foram utilizados os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) “ISTs”, “idoso” e “atuação do profissional de saúde”. Os descritores foram unidos com o conectivo AND.

A execução se deu com a busca propriamente dita dos artigos e a escolha dos mesmos para compor o presente artigo. Foram encontrados 30 estudos, que após a análise foram selecionados seis estudos para compor este trabalho, além de reportagens e materiais de apoio.

REFERENCIAL TEÓRICO

As ISTs -Infecções Sexualmente Transmissíveis- são doenças ocasionadas por vírus, bactérias ou outros microrganismos e a principal forma de transmissão é através do contato sexual sem proteção com uma pessoa que esteja infectada. Também apresentam como formas de contágio a via endovenosa por meio de compartilhamento de seringas e doações sanguíneas, via vertical por meio da transmissão de mãe para filho durante a gestação, parto ou amamentação, entre outros (BRASIL, 2015).

As ISTs podem se manifestar por meio de feridas, corrimentos e verrugas anogenitais, gerando como sintomas dor pélvica, sangramentos genitais, leucorreia, lesões de pele. Quando não tratadas adequadamente, podem causar complicações como esterilidade, inflamação dos órgãos genitais, parto prematuro e más formações fetais, além de tornar o indivíduo mais susceptível a outras ISTs. São patologias que atingem qualquer pessoa de qualquer faixa etária que esteja em atividade sexual, inclusive a população idosa (BRASIL, 2015).

No grupo populacional de idosos, estudo evidencia que foi observado nas últimas seis décadas, um aumento significativo no número de idosos, indo de 2% da população mundial para 10% da população mundial. Em 2051, a previsão é que 22% da população global seja composta por idosos (MENDES, *et al*, 2018).

No Brasil, observou-se que entre 1980 e 2000 a população com 60 anos ou mais cresceu em 7,3 milhões de pessoas, totalizando mais de 14,5 milhões. Acredita-se que até 2025 o país seja o sexto mais populoso do mundo em número de idosos. Tudo isso

ocorreu devido ao aumento da expectativa de vida e o uso de tecnologias e práticas de saúde que ampliam a vida por mais alguns anos (JORNAL DA USP, 2018).

Na sociedade atual, ainda é evidenciado percepções e suposições preconceituosas e ultrapassadas sobre o envelhecer e a população idosa, principalmente no que se refere a sua sexualidade. Culmina-se a ideia de que os idosos não realizam práticas sexuais e, portanto, não há tantos estudos sobre o tema de ISTs- Infecções Sexualmente Transmissíveis em pessoas idosas (ANDRADE, *et al*, 2017).

Mesmo com a presença desta mentalidade mais estereotipada, houve mudança no padrão sexual da população idosa. Eles têm maior acesso a medicamentos para tratamento de disfunção erétil e impotência como também de reposição hormonal, tornando possível uma vida sexual ativa mesmo após certa idade. Porém, é evidenciada que a falta de ações educativas em saúde sobre as ISTs (contágio, sintomas, tratamento e prevenção) pelos profissionais de saúde associada a ocorrência de práticas sexuais inseguras daqueles indivíduos contribuíram para que os idosos se tornassem população vulnerável às ISTs (NETO, *et al*, 2017).

Dados ao redor do mundo comprovam essa incidência maior de ISTs em idosos. Em 2012, nos Estados Unidos, houve aumento de 43% na taxa de contaminação por sífilis e clamídia nesta população. Na China, dos casos de ISTs mais comuns no país- sífilis, gonorreia, clamídia, HPV e herpes- 15,8% foram em idosos do sexo masculino e 9,8% dos casos em idosos do sexo feminino (NETO, *et al*, 2015).

Já no Brasil, a infecção pelo HIV é a mais presente por ser uma doença de notificação compulsória. Demais ISTs têm dados incertos e diminutos. Na população idosa, o aumento de casos de HIV foi de 42,8% em 2015. Neste mesmo ano, a taxa de detecção de aids em idosos (por 100.000 habitantes) foi 10,1, sendo mais elevada na população masculina (FERREIRA, *et al*, 2019).

Um estudo realizado com 382 idosos no município de Botucatu, interior de São Paulo, apontou que as ISTs mais comuns encontradas foram a hepatite C (10,73%), hepatite B (8,58%), sífilis (7,73%) e HIV (3,43%). Também apresentaram como fatores associados a maior ocorrência em homens, não brancos, escolaridade de 0 a 3 anos, sem parceiro fixo, não uso de preservativos em todas as relações sexuais e sem história prévia de ISTs (ANDRADE, *et al*, 2017).

Os idosos do estudo relatado anteriormente tinham uma visão diferente em relação a proteção sexual por preservativos. Acreditavam que a presença de um (a) parceiro (a) fixa dispensaria o uso, a percepção de que por não estarem em período

fértil- pela ausência da menstruação- não teriam risco de contrair IST, não tinham a informação de que ISTs também acomete a população idosa (ANDRADE, *et al*, 2017).

Um estudo realizado no Rio Grande do Sul com 11 idosos atendidos na Atenção Básica mostrou que 80% desta população não utilizava preservativos quando em relação sexual. Também apresentaram a informação que a confiança e a fidelidade em seus parceiros é suficiente para evitar a ocorrência de ISTS sendo desnecessário o uso de preservativos para prevenir tais doenças (LAROQUE, *et al*, 2011).

Todos esses estudos e dados mostram a necessidade de criação de espaços de discussão e mais programas de prevenção relacionados ao tema com a população idosa. É importante que o profissional de saúde esteja preparado para discutir sobre as ISTs, desde da forma de contágio até o tratamento, como também esteja atento a sinais patológicos na população idosa a fim de, em ambos os casos seja feita uma abordagem adequada (ANDRADE, *et al*, 2017).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os artigos nacionais utilizados na construção do presente estudo têm por base de publicação, de acordo com a instituição a qual pertence os autores, os estados brasileiros: São Paulo, Pernambuco, Porto Alegre, Curitiba, Paraná. Além disso, foram utilizados documentos de apoio relacionados a protocolos de ISTs do Ministério da saúde. Por unanimidade, dos artigos analisados, todos foram publicados em periódicos da área da enfermagem.

Dentro os estudos analisados, destaca-se evidências de achados da prevalência de ISTs em idosos tem a ver com a segurança de se ter presença de um parceiro fixo, da não possibilidade de engravidar, e de demais situações relacionadas aos próprios estereótipos negativos presentes no que versa ainda o preconceito da população em geral com o envelhecer, que com o passar da idade, o indivíduo humano não tem mais condição de ter uma relação ou prazer sexual (ANDRADE, *et al*, 2017). O que demonstra um pensamento que distancia cada vez mais a temática e a necessidade de espaços de discussão da população que envelhece sobre proteção sexual contra ISTs e consequentemente diminuição de problemas de saúde dessa ordem.

Portanto, o cuidado em saúde deve ser priorizado em todas as suas instâncias. Inicialmente, através do acolhimento e diálogo eficientes. Em seguida, as ações planejadas terão o enfoque na promoção de saúde e reabilitação da saúde do indivíduo,

quando necessário, focando na qualidade de vida e na geração de uma população informada e consciente do que está em sua volta (LEAL, *et al*, 2020). Percebe-se, portanto, a necessidade constante de formação em saúde, no âmbito da Gerontologia, ciência básica do entender o processo de envelhecimento humano e suas nuances.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verifica-se que há uma necessidade de formação em gerontologia e debates mais profundos sobre espaços de discussão entre a população que envelhece, sua sexualidade e a prevenção de ISTs. A temática ainda é pouco discutida pelos profissionais de saúde com esta população devido a ideia de que o idoso não tem práticas sexuais, embora foram encontradas algumas referências que já discorrem o assunto, mas que precisa ser mais elucidada na produção científica brasileira.

Com isso, a não discussão sobre este tema associada a práticas sexuais desprotegidas pelo idoso o torna vulnerável as ISTs. Observa-se, portanto, um aumento de casos de ISTs no Brasil e em vários países do mundo em indivíduos acima de 60 anos, tornando-se um tema importante a ser discutido.

Portanto, o que o profissional de saúde deve procurar realizar é abrir espaços de discussão com esta população e estar preparado para argumentar e orientar sobre todas as formas de ISTs como também seus tratamentos, prevenções e cuidados, tornando o cuidado em saúde completo, adequado e permitindo a geração de uma população orientada e que busca por melhorias em sua saúde individual.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Juliane, *et al*. Vulnerabilidade de idosos a Infecções Sexualmente Transmissíveis. **Revista Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo. V.30, n.1, 2017.

Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/ape/a/NXypD4MRzpP6jtnp3xbHZHm/abstract/?lang=pt>>.

Acesso em 01 de setembro de 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de ISTs. **Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para atenção integral as pessoas com Infecção Sexualmente Transmissíveis**. Brasília, 2015. Disponível em: <

https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/protocolo_clinico_diretrizes_terapeutica_atencao_integral_pessoas_infeccoes_sexualmente_transmissiveis.pdf>. Acesso em 29 de agosto de 2021.

Em 2030, Brasil terá a quinta população mais idosa do mundo. **Jornal da USP**, São Paulo, 2018. Atualidades. Disponível em: < <https://jornal.usp.br/atualidades/em-2030-brasil-tera-a-quinta-populacao-mais-idosa-do-mundo/>>. Acesso em: 30 de agosto de 2021.

FERREIRA, Caroline de Oliveira, *et al.* Vulnerabilidade a Infecções Sexualmente Transmissíveis em idosos usuários de um centro de testagem e aconselhamento. **Revista Arq. Ciênc. Saúde UNIPAR**, Pernambuco. V. 23, n. 3, 2019. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/ape/a/NXypD4MRzpP6jtnp3xbHZHm/?lang=pt>>. Acesso em 31 de agosto de 2021.

LAROQUE, Mariana Fonseca, *et al.* SEXUALIDADE DO IDOSO: comportamento para a prevenção de DST/AIDS. **Revista Gaúcha de enfermagem**, Porto Alegre. V. 32, n. 4, 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rgenf/a/bnWV868YV6pXVhGFSdh7Lmg/?lang=pt>>. Acesso em 31 de agosto de 2021.

LEAL, Rebeca Cavalcanti, *et al.* Percepção de saúde e comorbidades do idoso: perspectivas para o cuidado de enfermagem. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba. V. 6, n. 7, 2020. Disponível em: <<https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/14274>>. Acesso em 31 de agosto de 2021.

MENDES, Juliana Lindonor Vieira, *et al.* O Aumento da População Idosa no Brasil e o Envelhecimento nas Últimas Décadas: Uma Revisão da Literatura. **Revista Educação, Meio Ambiente e Saúde**, Minas Gerais. V. 8, n. 1, 2018. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/rbgg/a/Nmq6hmPHN7x9Cg93zSm9gRy/?format=pdf&lang=pt>> . Acesso em 01 de setembro de 2020

NETO, Jader Dornelas, *et al.* Doenças sexualmente transmissíveis em idosos: uma revisão sistemática. **Revista Ciência e Saúde**, Paraná. V 20, n 12, 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/6vwM7zCbvCyYppPt5kLDDrH/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em 30 de agosto de 2021.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]**: Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2 ed. Rio Grande do Sul: Feevale, 2013. Disponível em: <https://www.feevale.br/institucional/editora-feevale/metodologia-do-trabalho-cientifico--2-edicao>. Acesso em: 30 de agosto de 2021.